

Esqueci do mundo por uns minutos





Autores

Bernardo Carneiro Rezende

Camila Araújo

Elizete Rodrigues Ferreira

Gielton Lima

Igor Damasceno

José Moraes

Lalucha Mineiro

Laura Farias Araújo de Souza

Marco Túlio Damas Chaves

Marília Ávila

Marina Cecília Bettoni

Rodrigo Cristiano Alves

Thaís Flávio Vilas Boas

Virgínia Allan

Este livro é dedicado às pessoas que transitam todos os dias pelas ruas da cidade, tendo em suas mãos um exemplar do tabloide do dia, no qual leem as mais interessantes ou estranhas notícias que dão conta da vida cotidiana, das vitórias e derrotas dos times de futebol, dos amores e desamores, dos acertos e desacertos da experiência de cada um.

Esqueci do mundo por uns minutos

Mário Santiago (org.)

Agradecimentos

Alfredo Lima

André Declié

André Meyrewicz

Leticia Bezamat

Lucia Santiago

Matheus Sá Motta

Prefácio

“Uma imagem vale mais que mil palavras” – tal pensamento, atribuído a Confúcio, bem poderia ilustrar a proposta deste livro eletrônico: uma imagem, mais especificamente uma fotografia feita por Matheus Sá Motta, se instaura como um ponto de partida para a criação de textos. O processo se deu por uma parceria entre o fotógrafo e a editora Atafona – a fotografia foi veiculada pelo site da editora no qual havia também a instrução: escrever uma estória de até cem palavras sobre a foto. As estórias, escritas por leitores/autores, após avaliadas por um conselho de leitores, são agora publicadas neste e-book. Na verdade não são somente estórias: há poema, reflexões, narrativas... As palavras instauram um diálogo com a foto, diálogo esse que revela a possibilidade de infinitos sentidos, sentimentos, reflexões. Cada autor/leitor cria sua estória a partir da foto, mostrando que a imagem pode ser o ponto de partida para infinitas possibilidades.

A criação de cada uma dessas estórias se assemelha a um procedimento que parece não existir mais na contemporaneidade: a revelação de fotografias registradas em películas. Havia uma espécie de ansiedade e mágica nesse processo chamado de analógico. Ao contrário de hoje, em que digitalmente as imagens são vistas imediatamente após o processo de captura, as imagens só eram vistas depois que

a película passava pelo processo conhecido por “revelação”. Após o processo, o fotógrafo e os demais expectadores poderiam ver como ficaram as imagens captadas e muitas delas causavam surpresa, pois poderiam ter ficado diferentes da expectativa do fotógrafo. A luz poderia sair diferente, o enquadramento não ficou como planejado... Mas esse processo trazia também boas surpresas: luzes e enquadramentos superavam as expectativas do fotógrafo; às vezes, informações, detalhes não visíveis no momento da captura se revelavam na fotografia. Assim acontece com as estórias. Cada uma delas apresenta aspectos, narrativas, climas, tramas, sentidos surpreendentes, e tudo o que foi revelado nos textos, de algum jeito, está presente na foto ponto de partida. Talvez não estivessem visíveis explicitamente na imagem, mas os autores/leitores, que chamo aqui, sem constrangimento, de alquimistas de palavras, revelaram em textos o que há na imagem ponto de partida. E assim, cada autor revelou a imagem a seu modo. Para os leitores, há também uma proposta bastante sedutora, um tipo de jogo, uma espécie de leitura triangular: em um vértice se encontra a imagem ponto de partida; no segundo vértice, as narrativas reveladas pelos autores/leitores; no terceiro vértice, as infinitas possibilidades de leituras feitas pela interseção entre textos e imagens. Essa, suponho, seja a melhor parte: cabe ao leitor acessar essas infinitas possibilidades de sentido que se dão nas interseções propostas por uma obra que, sem sombra de dúvida, pode ser considerada intermediática: uma obra que se faz num espaço entre imagem e texto.

Faz-se necessário então, agora, apagar as rígidas diferenças entre o que se percebe como texto, e o que se percebe como imagem. Se considerado o aspecto material, pode se pensar na imagem como representação visual que se materializa nos desenhos, pinturas, gravuras, fotos, imagens em movimento e em tudo aquilo que é possível ser suporte de imagem. O mesmo ocorre com o texto: materializa-se em folhas de papel, livros, revistas, suportes digitais e em tudo mais que for possível servir como suporte de palavras, até mesmo gravações em áudio. No entanto, a origem da palavra Imagem, Imago, do Latim, aponta para um domínio imaterial: as imagens também são visões, imaginações, fantasias... Algo semelhante acontece com a origem latina da palavra Texto; Textum, imaterialmente, significa entrelaçamento, costura, trama, o que é tecido. Logo, um leitor, ao se aventurar nas tramas propostas pelo texto, cria imagens, visões que, de certa forma se costuram às palavras. Indubitavelmente, o leitor, ao se aventurar na leitura de imagens, cria textos, contextos, estórias que também se costuram às imagens. Eis o que este e-book propõe: interseção, entrelaçamento, costura, imagem, fotografia, palavra, texto. Revelação! Há limites rígidos? Para finalizar, volto a Confúcio e, com todo respeito, proponho uma réplica: se uma imagem vale mais que mil palavras, uma palavra também vale mais que mil imagens. Penso não fazer sentido em defender o que vale mais, se a palavra ou imagem, pois nunca se opuseram. Ao contrário, sempre se entrelaçaram.

Vamos então esquecer o mundo por alguns minutos?

André Meyerewicz





Eram muitos risos. Os colegas do Tico não suportaram. De madrugada, amarram um lençol no seu pescoço e o penduraram nas grades. “Palhaço nunca fica triste”, foram as últimas palavras. Pela manhã, chegou o alvará de soltura. A trapezista o esperava feliz na porta da cadeia, pois o marido, domador, havia morrido na noite anterior, abocanhado na jugular. O dono do circo soube da morte em um tabloide. Conseguiu autorização para um show de palhaços na cadeia, na semana do Natal. Esposas e filhos se divertiram. Os homens da cela de Tico enfartaram no espetáculo. *Causa mortis*: mau humor.

Bernardo Carneiro Rezende

Tudo é espera de um depois que chega aos poucos e rasga as páginas dos diários velhos de hoje. Tudo é pressa de chegar a inércia de correr dias semanas meses anos em busca do conforto estático de esquecer do tempo. E dessa espera em movimento, o que queremos é chegar onde não sabemos e ser quem não conhecemos. Deu nas páginas dos jornais: O homem sem relógios é um homem livre.

Camila Araújo





Aquele homem, imbuído num olhar atento e exclusivo, se entorpecia numa história de amor que revela juventude de um casal que se apaixona. O tempo e as circunstâncias não permitiram viver juntos naquele presente. Após vinte anos se descobrem e, aí sim, vivem uma história de vida intensa e de amor recíproco.

O homem lia sua história narrada naquele jornal, sentia saudade e curti.

O barulho em seu entorno ecoava sem escuta e ele eclodia em sensibilidade, em cem palavras no registro de um tempo.

Elizete Rodrigues Ferreira

Estou perdendo minha mulher. Sinto-a escapando entre os dedos. Talvez vá pela África afora. Quem sabe, viaje pela Itália ou Equador. Seria uma liberdade incontida? Uma marca de outras vidas incrustada no ritmo da evolução? Queria amar por todos os poros. Fazer disso a essência da minha existência. Não julgar, apenas compreender sem apontar dedos. Colocar-me no outro e sentir, em mim, seu pulsar. Permaneço atado a mim mesmo. Preso ao medo disfarço a dor. Fico por aqui, entretendo-me com a desgraça alheia. Alheio aos andantes por entre fios de luz, me imobilizo.

Gielton Lima





Página policial. Parou. Para permanecer pensando, prostrou-se pela praça pública. POLÍCIA PRENDE PEDÓFILO: Pedro Pacelli, padre. Primeiramente, pudor. Precisa prender! Pecou? Prisão para punir, penitência para pagar. Posteriormente, pensou: poderiam prender-me! Pensamentos perigosos percorreram pelos pêlos. Procópio Pereira perdera pudores pretéritos praticando pequenas perversões. Parafilias paternas pulsavam-no para práticas pedófilas. Perigosamente, perdia-se por pútridos passatempos, pois pagava pelo prazer proporcionado por pobres pirralhas. Para punir-se, Procópio perambula perdido pela paisagem. Pressionado psicologicamente pela possível prisão, procura pedir perdão pelos próprios pecados. Próximo periódico: PROCÓPIO PEREIRA, PEDÓFILO, PENDURA-SE PELO PESCOÇO.

Igor Damasceno

O jornal, todo ele tinto. Seus olhos pousam nas folhas. Crime, sangue, corpos, meras manchas. Cores vivas para a morte. Nas laudas gerais, gente fútil. Guido tem tido dias cinzas. Hoje também será desse tom. Leitor comum como há muitos. Depois de ler nada muda. Só cresce nó no peito. Dali sairá triste pelo dia. Urge agir por outra via. São tempos ruins à gente. Brasil: povo preto e branco. Não resta cor na vida.

José Moraes





Foi uma facada só. Certeira. No cangote fedendo rosas. Desobedecer, não ia mais. Depois de tantos anos, pra que pintar a boca de carmim? Ir ao EJA aprender a render letra no papel, descobrir os segredos dos números? Leio no Super: sou suspeito, foragido. Na praça, desta cidade distante, sou mais um só. No jornal, um nome. Não queria ir embora, Marisa? Então: dei-te asas. Voa! Mas não saracoteia teu corpo para cabra ver. Serás invisível como o vento. De você, sobrou o 3x4 na carteira só. E eu virei um dia sem sol. Só.

Lalucha Mineiro

As palavras movimentam-se incertas. Transitam
entre os pensamentos.
Os olhares que passaram despercebidos são
secundários, desconectam-se da dança. Dança de
vida e de presença. Dança de resistência.
Dança por um instante congelada na fotografia.
O leitor está vivo.
Extraír as palavras exige entrega.
E num casulo, senhor, jornal, cidade, e foto
fundem-se numa sintonia.
Arte de vida.
Borboleta libertária que traz nas asas a esperança.
Eis a história moldada por contrastes em preto e
branco.
Teia de vivências, aranha infinita.

Laura Farias Araújo de Souza



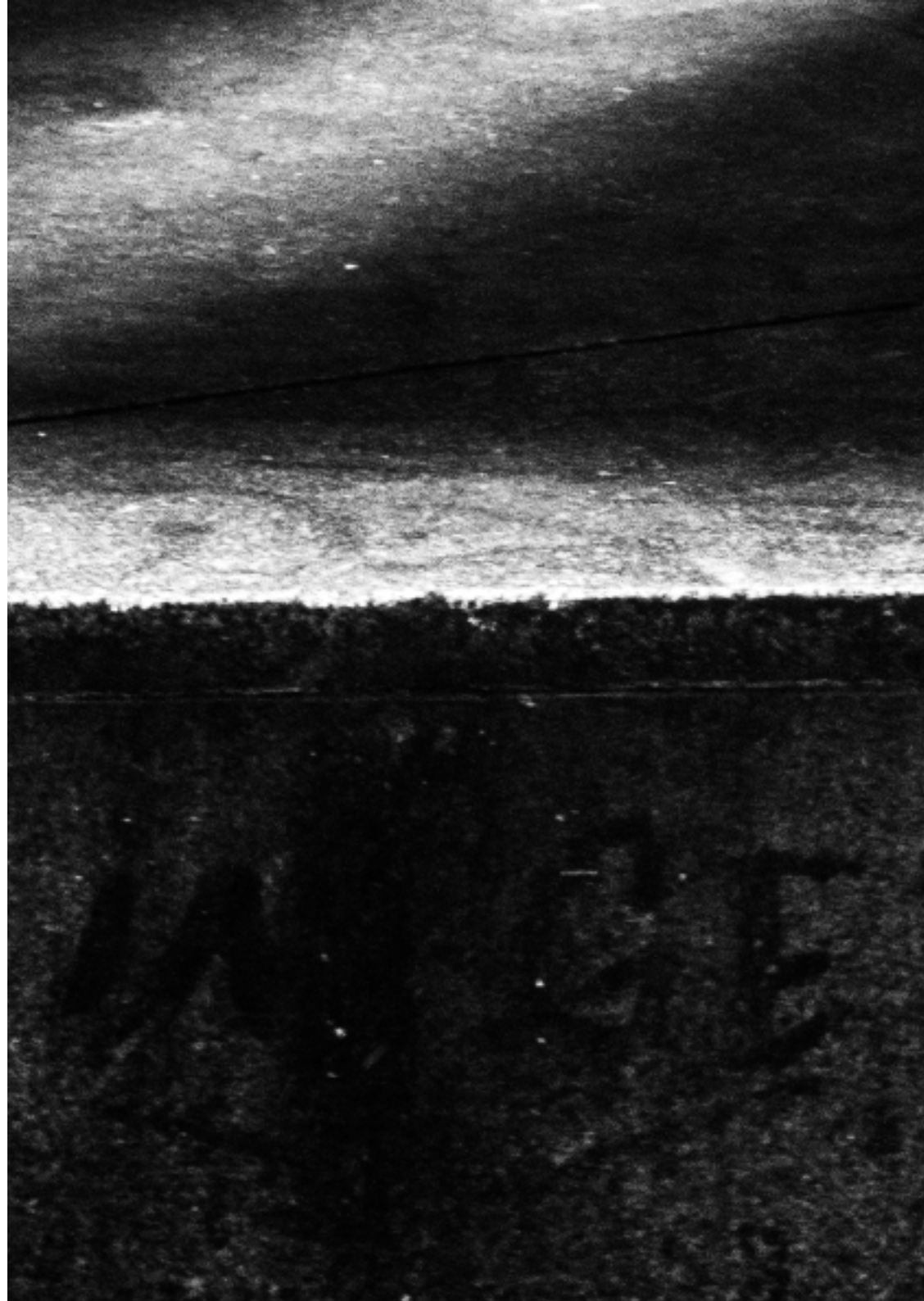


O mundo, é cinza.
O jornal, é cinza.
O banco, é cinza.
O homem, é aquarela.
O homem pode ser cinza, branco, negro,
pardo, ou aquarela.
O homem pode não ser homem. Pode ser
banco, jornal ou mundo.
O homem é homem, por ser diferente.
Cores diferentes nunca foram problema
para um pintor.
Somos filhos de cores.
Vivemos tempos cinzas, com pessoas cinzas,
morais cinzas, motivações cinzas.
Somos cinzas,
cinzas de um cinzeiro humanitário.

Marco Túlio Damas Chaves

Atléticas pernas, camisa de time, recalcula em espanhol as tabelas da Libertadores. Pede *paedja*, os netos caçoam: *Vô não perde o sotaque!* Ele contesta: *Por mais de cinquenta anos acá, falo perfeito português. Tienes que ver quando vou a Rivadavia, minha hermana diz Pepe, es um brasileiro!* Nunca serei! Quem muda de um lugar distante, peleja diariamente para acostumar. Passei a ver o mundo com olhos de dentro. Aguardando documentos no Fórum, detrás dos óculos, fecho os olhos para ver. Lembranças me assaltam: a maré sobe no mar, o vento assobia na praia. Chamam: *Doutor Jose!* Súbito, sou trazido ao Brasil.

Marília Ávila



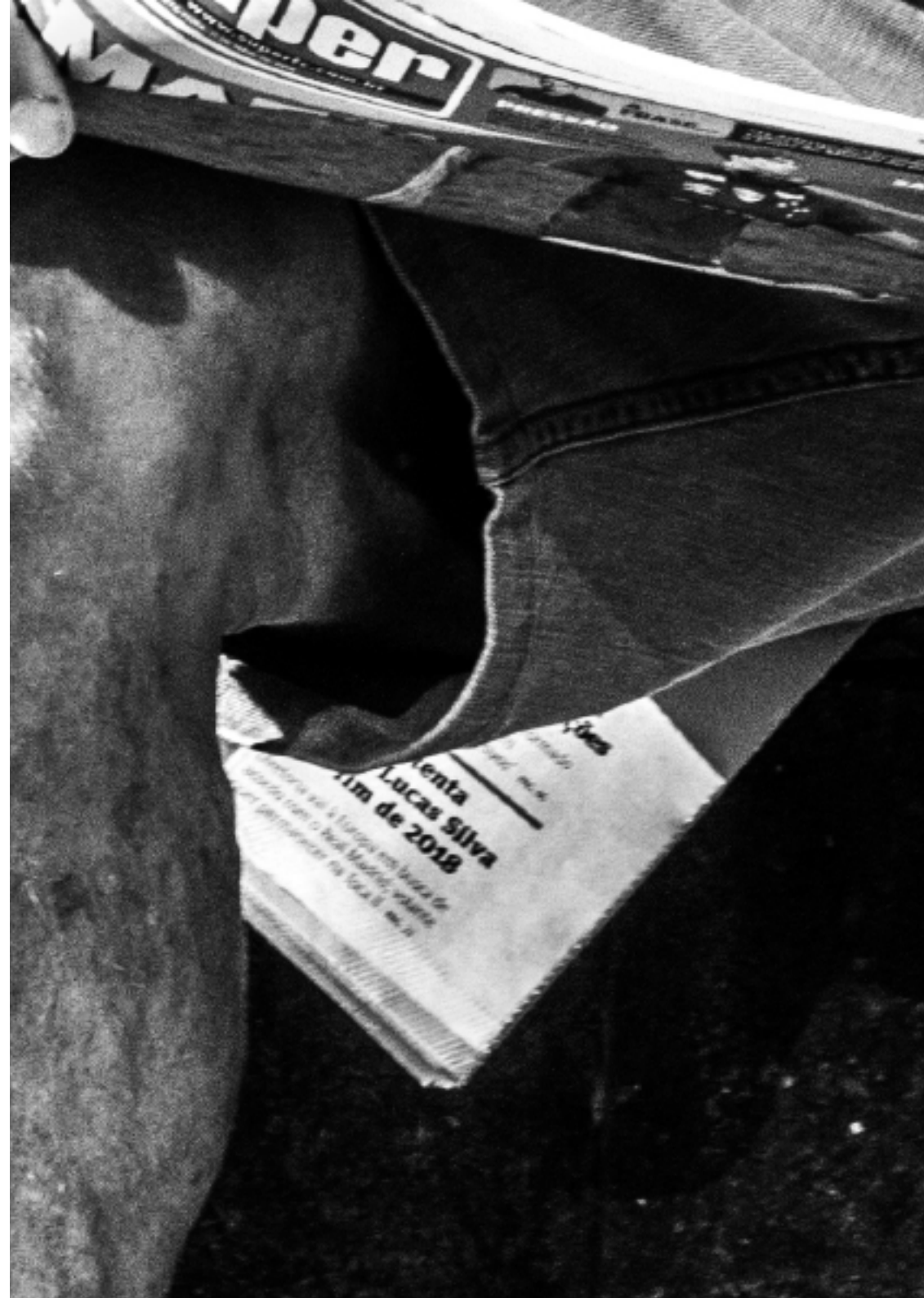


E quando a gente vê, é segunda novamente. Me sento naquele mesmo lugar, naquela mesma praça e de um jeito ou de outro, leio o mesmo jornal. Tento me esconder do sol como faço com os problemas, mas eles atravessam os galhos e me acham. E quando acham, me sento e leio. Só assim para sentir que hoje não é a mesma segunda-feira, com os mesmos problemas. De qualquer jeito, estarei aqui. Lendo o jornal de ontem, esquecendo que a vida está acontecendo hoje.

Marina Cecília Bettoni

A banda passou, o amor passou, a vida passou. Nem vejo mais “a banda passar cantando coisas de amor”. Hoje, na praça, só me resta contemplar, nas manchetes do jornal, a minha vida que passou. Agora ela é cinzenta e descansa num banco de concreto cinza, onde vejo a tinta cinza que foi impressa com tipos de metal acinzentados. Atrás de mim a vida passa como um sujeito apressado, talvez para ver a banda passar, mas eu não quero mais ouvir suas canções de amor.

Rodrigo Cristiano Alves





- Seu Zé, o que o senhor está lendo aí?
Seus olhos corriam de um lado para o outro, ignorando a pontuação das palavras na folha do jornal. Virou a página, fez cara de espanto e fechou a gazeta. O semblante assustado deu lugar a um olhar doce e, voltando o rosto para mim, disse:
- Só tem notícia ruim nesse negócio, menina! Mortes, roubos e ninguém faz nada. Promete que você vai fazer alguma coisa, vai!
- Prometo.
Decidi que vou mudar o mundo. Ainda não sei como, mas quero documentar tudo, começando hoje. Pelo Seu Zé.

Thaís Flávio Vilas Boas

O homem velho abre um jornal novo e se esquece, por uns minutos, do mundo que o cerca, para penetrar nesse mesmo mundo que o envolve através de imagens e palavras. Senta-se para um descanso no desassossego das notícias do cotidiano. Vira a página, sacode a cabeça, abre um sorriso, tece uma consideração, faz cara de desconfiado, de preocupado. O tempo, entretanto, hoje, resolveu dar um tempo também e parou ali, em volta do homem velho a ler um jornal novo, justo naquele momento em que o fotógrafo, ao perceber o *insight* positivo, resolveu bater a fotografia.

Virgínia Allan



© *dos textos* - autores das histórias, 2019
© *da fotografia* – Matheus Sá Motta, 2019
© *desta edição* - Atafona, 2019

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009

Editor
Mário Santiago

Fotografia
Matheus Sá Motta

Projeto gráfico
André Declié e Letícia Bezamat

Revisão
André Meyerewicz

Revisão final
Lucia Santiago

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Esqueci do mundo por uns minutos / Bernardo Carneiro Rezende et al. / Mário Santiago, organizador; fotografia, Matheus Sá Motta. - Belo Horizonte: Atafona, 2019.

E77
40p. Contem fotos
E-book
ISBN: 978-85-93194-06-1

1. Literatura brasileira. I. Rezende, Bernardo Carneiro et al.
II. Santiago, Mário. III. Motta, Matheus Sá.

CDD: B869.85
CDU: 869.0(81)

Bibliotecária Maria Aparecida Costa Duarte - CRB/6-1047



Caixa Postal 7789
30.411-973 – Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil
Telefones: 55+31 99919-8785 – 3643-6278
www.editoraatafona.net
editoraatafona@gmail.com

